

O Sermão da Sexagésima e o processo argumentativo: estratégias de trabalho em classe.

Manoel Francisco Guaranha

Para que se possa gostar de literatura, é necessário saber que ela possui um vínculo direto com a vida. Literatura é imitação da realidade, já diziam os gregos. É difícil a criança ou o adolescente desenvolverem o gosto pela leitura, principalmente em um mundo repleto de recursos visuais, táteis e auditivos que competem com o modesto livro o qual, às vezes, nem ilustração tem. Ler requer concentração e qualquer atividade desse tipo vai contra a natureza da criança e do adolescente, que são essencialmente voltados para o movimento e para os elementos que apelam de maneira mais imediata aos sentidos.

A imobilidade que o ato da leitura exige precisa ser compensada pela imaginação. Por isso, é interessante que o professor utilize estratégias que estimulem a imaginação e/ou estabeleçam um vínculo entre o texto e a realidade do leitor, mostrando que é possível interagir com um livro com a mesma intensidade que se interage com um jogo de computador, embora de forma diferente.

Assim, toda leitura proposta em sala de aula precisa dar oportunidade ao aluno de criar, dialogar com o autor. É bom que todo exercício de leitura seja direcionado para o ato criador. Quando o aluno descobre que é capaz de interagir com alguém que viveu séculos antes dele, quando percebe que é possível vincular a realidade da obra com a sua realidade, então ele se interessa pelo texto. Para isso, é necessário que o professor trabalhe variedade e qualidade, propiciando o acesso a um repertório tão vasto quanto possível.

Além de entender o que está escrito no texto, é importante estimular o aluno a identificar sua estrutura. Para tanto, ele deve estar consciente de que a estrutura da obra está a serviço do conteúdo e integrada à visão do mundo do autor e que esta, por sua vez, é um flagrante vivo do tempo em que foi escrita, uma mensagem lançada no mar do tempo a um possível leitor dos séculos vindouros, como uma garrafa com um bilhete que se encontra boiando na praia: mensagem de um naufrago de idas eras que chegou até nós e em cujas letras pulsam, ainda, as imagens de um mundo perdido, como o brilho das estrelas que há muito morreram e até hoje vemos da Terra.

A partir daí, pode-se confrontar a contemporaneidade e o passado, por meio do resgate dos denominadores comuns entre ambas as épocas e fazer com que o aluno recrie o

texto, quer de maneira parafrástica, quer de maneira paródica, dialogando com o autor, de forma que possa também considerar-se co-autor.

Este artigo pretende propor uma estratégia inicial de abordagem do texto que possa ajudar no processo de compreensão do mesmo. É claro que cada obra é um universo diferente e pede um tipo diferente de trabalho, mas a proposta serve como sugestão prática. Também não é uma proposta que esgota todas as possibilidades de trabalho, dada a riqueza do texto e a limitação do espaço deste texto.

O autor escolhido é Padre Antônio Vieira e a obra é o *Sermão da Sexagésima*. Trata-se de um autor do século XVII, que possuía um vocabulário elaborado e utilizou-se de todos os recursos retóricos de que dispunha, arranjos de modo extremamente requintado, segundo o discurso barroco. Para que um adolescente tenha interesse por Padre Antônio Vieira, é necessário estabelecer-se uma relação direta entre aquele frio monumento escrito no século XVII e a vida do adolescente do século XXI. Se literatura é uma forma de comunicação inter-humana, ler um texto do século XVII é uma maneira de comunicar-se com quem o produziu, uma espécie de máquina do tempo que a arte nos oferece - a única que se conseguiu construir até agora - capaz de nos aproximar de nossos antepassados para que possamos entender nossa própria cultura.

É preciso, antes de mais nada, contextualizar a obra. Contudo, trabalho que não deve consumir toda a aula e o professor precisa deixar claro que informações do tipo “quando e onde nasceu e morreu o autor” não serão utilizadas como temas para as perguntas da prova, pois o aluno é avesso a tudo o que “cai na prova”.

No entanto, se esse aluno é avesso a datas e biografia do autor, ele é atraído por imagens e vídeos e, sempre que for possível, o professor deve providenciar fotos, mapas ou filmes e projetá-los. O Barroco, que se caracteriza pelo aspecto sensorial, permite a aplicação dessa estratégia de maneira mais fácil, por meio da música e da pintura riquíssimas que foram produzidas no período. Esse material não elucida o texto, mas predispõe o aluno a conhecê-lo, serve como “isca”, já que o professor de literatura é um pescador de leitores.

Feito esse trabalho preliminar, vamos ao Sermão, que é o termo regente do título, que, por sua vez, não apenas identifica a obra, mas informa sobre seu conteúdo. Geralmente, o referencial que o aluno tem é que sermão é um tipo de admoestação, bronca

mesmo, geralmente de um adulto ou pessoa mais experiente ou autorizada que ele. Por outro lado, há o referencial religioso, pois ainda hoje nas igrejas os padres pregam por meio de discursos que se assemelham aos sermões, as chamadas homilias.

É conveniente informar que um sermão é uma peça de oratória, que é a arte de discursar, a arte da eloquência. Os teóricos modernos apontam quatro tipos de discurso ou peças de oratória, que são: o acadêmico, constituído por agrados ou homenagens, também chamado de panegírico; o judiciário, aquele que acusa ou defende; o político, que trata de questões públicas; e o religioso, este também chamado de parenética, cuja função é discutir dogmas da religião com vistas a incuti-los nos ouvintes. A oratória de caráter religioso, a parenética, compõe-se de textos que podem ser classificados de acordo com sua função: a homilia, que é a explicação de um tema ou de uma passagem evangélica; o panegírico, que é uma oração de louvor; a oração fúnebre; e, finalmente, o objeto do estudo, o sermão, também chamado de prédica, um discurso importante, longo, demoradamente elaborado, com o objetivo de convencer o auditório.

Sermão vem do latim, *sermone*, e originariamente significa conversação. O significado do termo evoluiu para um discurso religioso, pregado geralmente no púlpito. Chama-se prédica porque se desenvolve a partir de um conceito predicável, ou seja, que é possível de ser pregado. Esse conceito predicável é um texto bíblico que o orador comenta de acordo com o tema e as teses que se propõe a desenvolver. O autor em questão, Vieira, acredita, por conta das convicções de sua religião, que o texto bíblico, por ter sido inspirado por Deus, é a prefiguração de todas as verdades. Para ele, cada fragmento da Bíblia contém um mistério a ser decifrado ou desempenhado. Para tanto, o orador desenvolve procedimentos de análise textual - que não estão muito distantes dos procedimentos que usamos em sala de aula - e consistem em considerar isoladamente o texto, etimologicamente as palavras, a posição destas na frase, a repetição do número de sílabas e letras que as compõem, bem como os vários significados de cada uma delas.

Por meio desses procedimentos, o orador deveria levantar os mistérios contidos nessas particularidades com agudeza e engenho, partindo dos pressupostos de que há uma relação substancial, não-convencional, entre a palavra e a coisa significada e que ela contém um mistério que precisa ser decifrado; a essência de todas as coisas está contida em sua definição e a reflexão consiste em tornar explícitos os atributos contidos nessa

definição.

Quanto ao termo regido, segunda parte do título, “*da Sexagésima*”, decorre da data de pregação: no penúltimo domingo antes da quaresma, no ano de 1655.

A seguir, é necessário refletir sobre a finalidade do sermão: converter os ouvintes mostrando-lhes as verdades contidas na palavra de Deus. Para tanto, serve-se o orador da estrutura da argumentação formal, composta basicamente de quatro partes: proposição; análise da proposição; formulação dos argumentos, ou seja, a evidência; e conclusão.

Essa estrutura é fundamental não só para que se entenda o texto, mas principalmente para que o aluno conscientize-se de como devem ser organizadas as idéias com vistas a transmitir um ponto de vista e convencer o leitor. Tal lição fará com que ele perceba que, independentemente do assunto a ser tratado e do século em que se está, subjaz a todo discurso uma estrutura argumentativa que possibilita a veiculação da mensagem de forma clara e eficiente.

É importante salientar que a formulação dos argumentos é o coração do processo e neste item encontram-se diversas ferramentas a serem utilizadas para se chegar à evidência, “que é a certeza a que se chega pelo raciocínio (*evidência de razão*) ou pela apresentação dos fatos (*evidência de fato*), independentemente de toda teoria” (GARCIA, 1986:371). A evidência pode ser composta de fatos, exemplos, ilustrações, dados estatísticos e testemunho.

Todo o trabalho consiste em sensibilizar o aluno quanto à necessidade de se propor uma idéia inicial, a proposição, analisá-la para definir o seu sentido ou dos termos que a compõem, evidenciar a verdade dessa proposição por meio de fatos, exemplos, ilustrações, dados estatísticos ou testemunhos e arrematar o discurso por meio de uma síntese do que foi dito, que é a essência da proposição, ou seja, a conclusão.

Para que o professor possa atingir esse duplo objetivo, criar no aluno a consciência de receptor e emissor, é conveniente que o texto seja desmontado e suas partes constitutivas analisadas. O *Sermão da Sexagésima* possui dez partes e, em cada uma delas, é possível encontrar a estrutura básica do processo de argumentação formal e cada parágrafo é um primoroso exemplo de como se constrói, com coesão e coerência, uma idéia.

A seguir, transcreverei dois trechos do texto, seguidos de uma desmontagem, para que se possa observar o esquema de argumentação que os sustenta:

“*Semen est verbum Dei*. S. Lucas, VIII, 11.

I

Ecce exiit qui seminat, seminare. Diz Cristo que «saiu o pregador evangélico a semear» a palavra divina. Bem parece este texto dos livros de Deus. Não só faz menção do semear, mas também faz caso do sair: Exiit, porque no dia da messe hão-nos de medir a semente e hão-nos de contar os passos. O Mundo, aos que lavrais com ele, nem vos satisfaz o que dispendeis, nem vos paga o que andais. Deus não é assim. Para quem lavra com Deus até o sair é semear, porque também das passadas colhe fruto. Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão; os que semeiam sem sair, são os que se contentam com pregar na Pátria. Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. Aos que têm a seara em casa, pagar-lhes-ão a semente; aos que vão buscar a seara tão longe, hão-lhes de medir a semente e hão-lhes de contar os passos. Ah Dia do Juízo! Ah pregadores! Os de cá, achar-vos-eis com mais paço; os de lá, com mais passos: *Exiit seminare*.” (VIEIRA, 1995)

No parágrafo transcrito, podemos identificar uma proposição apoiada no **conceito predicável**, extraído do texto evangélico “A parábola do semeador”, contido no capítulo XIII do livro de *Matheus*. É necessário que o professor leia a parábola bíblica para o aluno a fim que este perceba como Vieira vai interpretar o texto original ao longo de seu discurso e como vai decifrá-lo, desempenhá-lo, servindo-se da técnica argumentativa.

Para isso, inicia com a **proposição**, fundamentada na Bíblia, que é inquestionável, já que se trata de um texto canônico, dogma de fé: “Eis que o semeador saiu a semear a palavra de Deus”. Para melhor fundamentar sua proposição, o pregador informa que quem disse isso foi o próprio Cristo. Além disso, explicita a metáfora na epígrafe “*Semen est Verbum Dei*”, a semente é a palavra de Deus.

Em seguida, Vieira passa para a segunda parte do processo de argumentação: a **análise da proposição**. Nesse passo, ele informa ao leitor que Cristo não faz menção só ao ato de semear, mas ao de sair, ou seja, ele destaca os dois verbos presentes na expressão. Como sair está em primeiro plano, Vieira aproveita-se para afirmar que no dia da messe, no final da semente, que interpreta como o dia do juízo final, serão medidos os passos do semeador e a quantidade da semente.

A partir daí, começa a construir a **evidência** ou **formular a argumentação**, servindo-se dos dois verbos e da posição deles na expressão. O orador estabelece, agora,

um vínculo direto com a realidade. Sabendo-se que as parábolas eram histórias utilizadas por Cristo para alegorizar dados da realidade e conhecendo, como nos informa a epígrafe do texto, que a semente é a palavra de Deus, Vieira conecta o discurso bíblico à sua realidade: “Entre os semeadores do Evangelho há os que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão; os que semeiam sem sair, são os que se contentam em pregar na pátria”. Quando faz isso, serve-se de um **fato** de seu tempo. Embora não dê nomes, sabemos que os Dominicanos ficavam em Portugal, portanto “semeavam” em casa, e os Jesuítas, a cuja ordem Vieira pertencia, iam “semeiar” nas terras recém-descobertas pelos portugueses. Usa ainda como **exemplo** as terras mais distantes de Portugal como a Índia, a China e o Japão, enfatizando a idéia da saída. Toma, ainda, o cuidado de amenizar a crítica, afirmando que “Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta”.

A **conclusão**, baseada nos argumentos formulados a partir da proposição e sua análise, é clara. No dia do juízo final, “Aos que têm a seara em casa, pagar-lhes-ão a semeadura; aos que vão buscar a seara tão longe, hão-lhes de medir a semeadura e hão-lhes de contar os passos”. O saldo é positivo para os Jesuítas, que receberão mais pelo trabalho porque se dispuseram a sair de casa e correr perigos em nome da propagação da fé cristã. A argumentação termina com chave de ouro. Vieira serve-se de uma figura de linguagem que se chama paronomásia, a utilização de palavras semelhantes ou iguais, mas com sentidos diferentes: “Os (pregadores) de cá (Portugal), achar-vos-ei com mais passos; os de lá, com mais paços: *Exiit seminare*”. Ao falar dos “paços” (= palácio, corte) a que tinham acesso os pregadores que ficavam em Portugal, Vieira critica a proximidade do poder que os Dominicanos tinham e os prováveis privilégios que essa proximidade lhes dava. Ao falar dos passos que os Jesuítas se dispunham a empreender, Vieira os coloca como merecedores de maior recompensa por parte de Deus. Note que, no final, o orador resume a proposição aos dois verbos: sair e semear. Como verbo indica ação, fica patente o pragmatismo contido no ideário de Vieira: a maior recompensa caberá a quem praticar mais ações.

PROPOSIÇÃO: A semente é a palavra	CITAÇÃO: Diz Cristo que saiu o pregador evangélico a semear a palavra divina.
-----------------------------------	---

de Deus.	ANÁLISE DA PROPOSIÇÃO: Cristo não faz menção apenas ao semear, mas ao sair. Vieira destaca os dois verbos da proposição.
ARGUMENTAÇÃO	EXEMPLOS POSITIVOS: Sair para semear: pregadores que foram para a Índia, China e Japão - Serão pagos pela semeadura e pela contagem dos passos. EXEMPLOS NEGATIVOS: Semear sem sair: Pregadores que se contentam em ficar em casa (Portugal) semeiam sem sair - Serão pagos apenas pela semeadura.
CONCLUSÃO:	“Os (pregadores) de cá (Portugal), achar-vos-ei com mais paço; os de lá, com mais passos: <i>Exiit seminare</i> ”. Os pregadores que saem para pregar cumprem integralmente a máxima evangélica.

Mais adiante, há um trecho em que Vieira traça um quadro das partes constitutivas da prédica, que não deixa de ser uma análise do processo de comunicação em si. Para que possamos verificar o processo, transcrevo a seguir fragmentos da terceira parte do Sermão:

“Fazer pouco fruto a palavra de Deus no Mundo, pode proceder de um de três princípios: ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. Para uma alma se converter por meio de um sermão, há-de haver três concursos: há-de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há-de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há-de concorrer Deus com a graça, alumando. Para um homem se ver a si mesmo, são necessárias três coisas: olhos, espelho e luz. (...). O pregador concorre com o espelho, que é a doutrina; Deus concorre com a luz, que é a graça; o homem concorre com os olhos, que é o conhecimento. Ora suposto que a conversão das almas por meio da pregação depende destes três concursos: de Deus, do pregador e do ouvinte, por qual deles devemos entender que falta? Por parte do ouvinte, ou por parte do pregador, ou por parte de Deus?

Primeiramente, por parte de Deus, não falta nem pode faltar. Esta proposição é de fé, definida no Concílio Tridentino, e no nosso Evangelho a temos. Do trigo que deitou à terra o semeador, uma parte se logrou e três se perderam. E porque se perderam estas três? - A primeira perdeu-se, porque a afogaram os espinhos; a segunda, porque a secaram as pedras; a terceira, porque a pisaram os homens e a comeram as aves. Isto é o que diz Cristo; mas notai o que não diz. Não diz que parte alguma daquele trigo se perdesse por causa do sol ou da chuva. A causa por que ordinariamente se perdem as sementeiras, é pela desigualdade e pela intemperança dos tempos, ou porque falta ou sobeja a chuva, ou porque falta ou sobeja o sol. Pois porque não introduz Cristo na parábola do Evangelho algum trigo que se perdesse por causa do sol ou da chuva? - Porque o sol e a chuva são as afluências da parte do Céu, e deixar de frutificar a semente da palavra de Deus, nunca é por falta do Céu, sempre é por culpa nossa. (...)

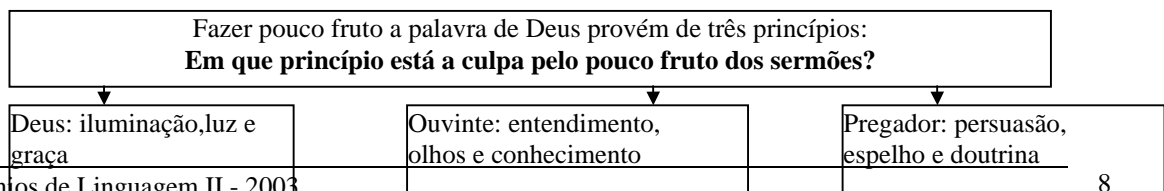
Sendo, pois, certo que a palavra divina não deixa de frutificar por parte de Deus, segue-se que ou é por falta do pregador ou por falta dos ouvintes. Por qual será? Os

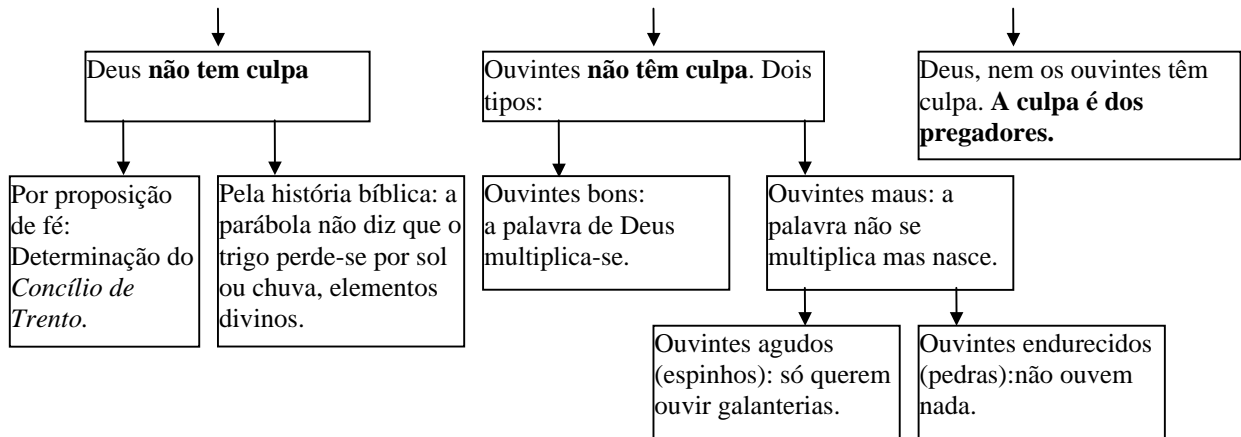
pregadores deitam a culpa aos ouvintes, mas não é assim. Se fora por parte dos ouvintes, não fizera a palavra de Deus muito grande fruto, mas não fazer nenhum fruto e nenhum efeito, não é por parte dos ouvintes. Provo. Os ouvintes ou são maus ou são bons; se são bons, faz neles fruto a palavra de Deus; se são maus, ainda que não faça neles fruto, faz efeito. No Evangelho o temos. O trigo que caiu nos espinhos, nasceu, mas afogaram-no(...). O trigo que caiu nas pedras, nasceu também, mas secou-se (...). O trigo que caiu na terra boa, nasceu e frutificou com grande multiplicação (...). De maneira que o trigo que caiu na boa terra, nasceu e frutificou; o trigo que caiu na má terra, não frutificou, mas nasceu; porque a palavra de Deus é tão funda, que nos bons faz muito fruto e é tão eficaz que nos maus ainda que não faça fruto, faz efeito; lançada nos espinhos, não frutificou, mas nasceu até nos espinhos; lançada nas pedras, não frutificou, mas nasceu até nas pedras. Os piores ouvintes que há na Igreja de Deus, são as pedras e os espinhos. E por quê? - Os espinhos por agudos, as pedras por duras. Ouvintes de entendimentos agudos e ouvintes de vontades endurecidas são os piores que há. Os ouvintes de entendimentos agudos são maus ouvintes, porque vêm só a ouvir sutilezas, a esperar galantarias, a avaliar pensamentos, e às vezes também a picar a quem os não pica. (...) Por isto são maus ouvintes os de entendimentos agudos. Mas os de vontades endurecidas ainda são piores, porque um entendimento agudo pode ferir pelos mesmos fios, e vencer-se uma agudeza com outra maior; mas contra vontades endurecidas nenhuma coisa aproveita a agudeza, antes dana mais, porque quanto as setas são mais agudas, tanto mais facilmente se despontam na pedra. (...). E com os ouvintes de entendimentos agudos e os ouvintes de vontades endurecidas serem os mais rebeldes, é tanta a força da divina palavra, que, apesar da agudeza, nasce nos espinhos, e apesar da dureza nasce nas pedras. (...)

Quando o semeador do Céu deixou o campo, saindo deste Mundo, as pedras se quebraram para lhe fazerem aclamações, e os espinhos se teceram para lhe fazerem coroa. E se a palavra de Deus até dos espinhos e das pedras triunfa; se a palavra de Deus até nas pedras, até nos espinhos nasce; não triunfar dos alvedrios hoje a palavra de Deus, nem nascer nos corações, não é por culpa, nem por indisposição dos ouvintes.

Supostas estas duas demonstrações; suposto que o fruto e efeitos da palavra de Deus, não fica, nem por parte de Deus, nem por parte dos ouvintes, segue-se por consequência clara, que fica por parte do pregador. E assim é. Sabeis, cristãos, por que não faz fruto a palavra de Deus? Por culpa dos pregadores. Sabeis, pregadores, por que não faz fruto a palavra de Deus? - Por culpa nossa.”

O processo argumentativo torna-se tão lógico e exato que é possível desmontá-lo em um esquema:





Verifique que no esquema apresentado há, da mesma forma que no anterior: a proposição, no primeiro nível; sua análise, no segundo; e a evidência, a partir do terceiro. A conclusão encontra-se na última caixa de texto ligada aos pregadores, os culpados pelo pouco fruto que tem feito a palavra de Deus, segundo Vieira.

Esta conclusão será usada como proposição inicial para a quarta parte, na qual o sermônista identificará as circunstâncias que envolvem o pregador, a pessoa, a ciência, a matéria, o estilo e a voz. Cada uma delas será submetida a uma análise rigorosa, que segue o mesmo padrão argumentativo destacado.

Partindo dessas desconstruções iniciais, é possível solicitar aos alunos que façam o mesmo com alguns parágrafos subseqüentes, sob a orientação do professor. O objetivo é que o estudante perceba a lógica que cerca o processo argumentativo e que capte sua estrutura. Num segundo momento, é possível propor exercícios de construção, que consistem em desenvolver um tema seguindo o esquema observado, sempre com vistas a convencer o leitor por meio de evidências, passando pela análise da proposição apresentada e chegando a uma conclusão sustentada por hipóteses, exemplos, fatos etc. Para tanto, é necessário que o professor selecione alguns temas atuais e que sejam do interesse de seu público, a fim de atrair a sua atenção e é aí que entra a criatividade do mestre. Também é necessário que o professor ajude o aluno na formulação de suas proposições iniciais e o oriente, caso esteja partindo de uma idéia inconsistente ou indefensável do ponto de vista ético.

Sugestões de Leitura

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

Há um brilhante ensaio sobre Vieira, "Vieira ou a cruz da desigualdade", que interpreta a obra do sermônista por meio da riqueza de suas contradições que são reflexos das contradições inerentes ao sistema colonial como um todo e não só à situação brasileira.

DUBOIS, J et alli. **Retórica Geral**. Trad. MOISÉS, Carlos Felipe; COLOMBINI, Duílio; BARROS, Elenir. São Paulo: Cultrix, 1974.

Análise do imenso corpus de figuras da retórica tradicional sob o moderno enfoque lingüístico. Obra de interesse para estudantes de Letras, Comunicação e professores de literatura.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. 13a. ed., São Paulo: FGV, 1986.

Obra de referência no estudo da expressão escrita, que aborda com clareza e precisão desde a estrutura sintática da frase até normas de elaboração de teses e dissertações. Indispensável para cursos superiores de redação.

MIRANDA, Ana. **Boca do inferno**. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

Biografia romanceada de Gregório de Matos mas que apresenta Vieira, seu contemporâneo, como importante personagem. A obra segue a tendência atual do romance histórico. O livro é ambientado no século XVII e espelha o jogo político e a política colonial brasileira.

RONCARI, Luiz. **Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos**. São Paulo: Edusp, 1995.

Obra que se caracteriza por uma abordagem panorâmica, mas competente, dos primeiros momentos da literatura brasileira, com os textos e autores mais importantes, comentados e contextualizados. Excelente material para ser utilizado nos ensinos médio e universitário.

SILVEIRA, Francisco Maciel et alii. **A literatura portuguesa em perspectiva - Classicismo, Barroco e Arcadismo**, vol II. São Paulo: Atlas, 1992.

Esta obra é parte de uma coleção de 4 volumes, organizada por Massaud Moisés e escrita por docentes da Universidade de São Paulo, abordando diacronicamente e com profundidade toda a literatura portuguesa. Excelente fonte de pesquisa para universitários, com uma vasta bibliografia.

VIEIRA, Padre Antônio. Sermões - **Problemas sociais e políticos do Brasil** (Seleção de textos, apresentação, introdução e notas por Antônio Soares Amora). São Paulo: Cultrix, 1995.

Obra que reúne alguns dos principais sermões de Vieira, escolhidos por afinidade temática, conforme a proposta do subtítulo. A introdução, a apresentação e as notas constituem uma ferramenta valiosa para o estudo do autor e de sua obra, tanto para o aluno quanto para o

professor.

Manoel Francisco Guaranha é Doutor em Letras, na área de Literatura Portuguesa, pela USP - Univesidade de São Paulo.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.